

conto premiado - 2º lugar

Pseudônimo: Damasceno Saladino

A lenda das areias

Eduardo Coutinho Lourenço de Lima

Graduando em Filosofia

O Sol era oblíquo, mas isso pouco importava, a Areia tampava seus olhos. O Sol e a Areia dançando em forma de vento, vento forte e teimoso. O Homem protegia-se, o Deserto estava vivo. Vivo, tentava comunicar-se numa língua diferente; língua de vento, língua de areia e vento. Os desertos são hostis, são mortos, e os homens têm medo do deserto. Mas esse voava em forma de areia e vento, um dourado forte e gigante. Na verdade, infinito. A natureza em forma de deserto. Mas como ver o Deserto se o Homem estava de olhos fechados? Estava sozinho naquele mar dourado cuja natureza e intensidade ele ignorava, não queria perceber o espetáculo dum deserto. Areia, vento e sol, aquele homem estava de olhos fechados no deserto.

Naquela escuridão que só os olhos tristes conhecem, ele pensava na família, sua querida família que estava tão perto... e ele tão longe... Estava preso na Escuridão; solitário, triste, e o Deserto, esse era forte, mas estava quase desistindo de se comunicar com o homem. Era sua família, seu filho que tanto se parecia com ele, que estava na mente daquele homem. Foi quando uma lágrima, uma pequena lágrima que para um deserto se parecia com chuva, libertou-se das pálpebras velhas e cansadas de um peregrino arranhado pela areia e vento do deserto, um peregrino que na vida muito percorreu o mundo, que muito lutou e cresceu, um ser do deserto; o Homem sentia saudades de casa e o Deserto tentava comunicar-se. Além de forte, o Deserto era esperto, e sua sede era tanta, que o vento e a areia tomaram conta da pequena lágrima. E o Homem sentiu o Deserto nesse toque.



ilustração
Aline de Cássia

Como em sonho, o Deserto trouxe para a Escuridão do Homem um conto de seus ancestrais. Um conto que há muitos anos o Homem ouviu. Como as Lágrimas, contou o Deserto que o céu fez da chuva um rio, o rio de montanhas distantes, pedras do bem antes dourado arenoso de um deserto quente. E essas águas, antes um filete tímido, tornaram-se rio de fundo, de fundo de vida, por fundos de verde, pelos fundos das montanhas o rio veio. O rio largo por pedras, por florestas, por planícies, linhas curvas sobre o traço reto, águas de vida, águas de cheias. Cruzou esse rio distâncias, desbravou paisagens que a longos séculos seriam reinos. E o rio que era água, a água que era rio, o rio de movimento sempre rio alcançou os limites do deserto. A areia acolheu o rio, embebia-se insaciável. E o rio, forte e enganado, desembocava numa lagoa de lama, o pântano limite, a depreciação, a involução. As águas se tornavam turvas, o rio já agora entristecia. Mesmo nas nascentes, nas quedas-d'água e nas margens, sabiam as águas límpidas

da inabalável fatalidade no lamaçal, no estuário. E foi pela tristeza do rio que o Deserto se manifestou. As lufadas calorosas, os vórtices de areia quente. O Deserto relembra ao rio seu passado de chuva. O rio encorpado negava, deixar de ser rio, outra vez involuir. De novo ao passado, em chuva, água e vento se tornar. E o que era rio, se desfazia, e o que foi chuva, se criava. Ergueu-se o rio em ascensão de areias e de águas. O rio cristalino, de lama, transparentes vapores se tornava. O deserto envolvia o rio, o deserto em redemoinho o rio erguia, e o que era rio e era lama se fez nuvem, se fez pássaro. O leito correndo pelo céu, asas azuis em traços brancos. Levitando e a agradecer ao dourado quente de dunas alaranjadas, às sombras móveis, à amplidão vazia, ou à sabedoria. O rio de ar fez da chuva um rio nas montanhas de outras terras. E o que foi ar, que foi rio, que foi lama agora renascia. Renascer a nascente, e o Homem, emocionado, acordou. Olhos abertos sobre o claro, sobre o quente. E na língua de vento, língua de areia e vento, o Deserto se calou.